

A~LÃ~TEJO – PAISAGENS DA LÃ, DO VAGAR E DE PASTORES

*A~LÃ~TEJO – LANDSCAPES OF WOOL,
WANDERING AND SHEPHERDS*

Joana Abranches Portela

Bolseira FCT (CHAIA – Universidade de Évora)
joana.portela75@gmail.com

Submissão / *Submission* – 25/7/2022
Aceitação / *Acceptance* – 15/9/2022

RESUMO

Partindo de uma abordagem ecocrítica e fenomenológica às representações da paisagem alentejana na literatura portuguesa do século XX, este ensaio procura trazer um novo olhar sobre as paisagens associadas à prática do pastoreio no Alentejo. Desde tempos ancestrais, as planícies alentejanas, cobertas de matos mediterrânicos, foram atravessadas por numerosos rebanhos de ovelhas. Ao ler os geógrafos e historiadores, percebe-se a perenidade de um território que foi sendo moldado pelo pastoreio, uma paisagem de lã em movimento. A pastorícia de gado ovino foi, durante muitos séculos, uma actividade de importância primordial na economia rural deste território do Sul. Convocando inspirações e conceitos da antropologia ecológica e da ecologia dos materiais de Tim Ingold, e através da análise entrelaçada de vários excertos literários que se situam no Alentejo, sugerem-se novos sentidos e novas leituras da paisagem, seguindo uma linha de pensamento que se desenrola pelos fluxos e materialidade da lã, pela temporalidade do vagar alentejano e pela humanidade contemplativa dos pastores. Sugere-se uma leitura da paisagem alentejana a partir do conceito de fluxos de materiais de Ingold, dando especial atenção à lã no seu fluir orgânico e vital: ovelha-velo-malha. Destaca-se ainda a pertinência do conceito de vagar, indissociável das paisagens alentejanas de pastorícia.

Palavras-chave: Alentejo; paisagem; lã; vagar

ABSTRACT

Adopting an ecocritical and phenomenological approach to the representations of the Alentejo landscape in Portuguese literature of the 20th century, this essay intends to bring a new understanding at landscapes associated with pastoralism in Alentejo. Since ancient times, the Alentejo plains, covered with Mediterranean scrub, have been crossed by numerous flocks of sheep. When reading the geographers and historians, one can grasp the perpetuity of a region shaped by grazing – a landscape of wool, in motion. Sheep grazing was, for many centuries, an activity of primary importance in the rural economy of this southern territory. Summoning inspirations and concepts from Tim Ingold’s ecological anthropology and ecology of materials, and through the intertwined analysis of several literary excerpts rooted in Alentejo, new meanings and readings of the landscape are suggested, by following a line of thought that unfolds throughout the fluxes and materiality of wool, the temporality of Alentejo’s slowness (vagar) and the contemplative humanity of the shepherds. A reading of the Alentejo landscape is suggested based on Ingold’s concept of material flows, giving special attention to wool in its organic and vital flow: sheep-wool-knit. We also highlight the relevance of the concept of vagary, inseparable from Alentejo’s pastoral landscapes.

Keywords: Alentejo; landscape; wool; slowness

*Debaixo dos sobreiros, as ovelhas tornaram-se
figuras enroladas e redondas e imóveis de lã.*

José Luís Peixoto, *Nenhum Olhar*¹

1. Alentejo, A~lã~tejo – o espaço

Um emaranhado de lãs, linhas e leituras está na origem deste ensaio. Não é tarefa fácil destrinçar esta malha compósita de inspirações, mas tentarei identificar os vários fios que, entretecendo-se devagar, inspiraram a génese e a tessitura deste texto, tecido no âmbito da minha investigação de doutoramento sobre percepções da paisagem alentejana na literatura portuguesa².

Como fio de Ariadne para me guiar a pesquisa neste território mediterrânico do Sul, a primeira linha de leitura desenrolou-se pela bibliografia de referência sobre a geografia, a história e a etnografia do Alentejo: Orlando Ribeiro, Albert Silbert, José Mattoso e Suzanne Daveau, Silva Picão, Leite de Vasconcelos. Entrelaçadas, essas leituras foram revelando o padrão de uma penplanície longa e ancestralmente atravessada e povoada por uma imensidão de rebanhos, atapetada de ovelhas aos milhares. A trama de leituras ia compondo a meus olhos uma imagem algo diferente e matricial do Alentejo: não tanto uma paisagem do pão, mas uma paisagem da lã. Uma pastorícia milenar, mediterrânica, móvel, emergia das charnecas incultas de Silbert e das páginas de Orlando Ribeiro: “pode falar-se de pastoreio independente da agricultura na maior extensão da bacia do Mediterrâneo. [...] em vez do gado graúdo, rebanhos intermináveis de reses miúdas.”³ Embora, no início do século XX, a criação de ovelhas tenha cedido a primazia à agricultura cerealífera – e hoje ao olival e amendoal intensivo –, a pastorícia de gado ovino foi, no passado, e durante muitos séculos, uma actividade de importância primordial na economia rural do Alentejo.⁴

¹ Peixoto, José Luís (2008). *Nenhum Olhar*. Lisboa: Bertrand Editora, 15.

² Este artigo foi escrito no âmbito de bolsa de doutoramento em Artes e Técnicas da Paisagem, financiada por fundos nacionais de Portugal através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P.

³ Ribeiro, Orlando (1986). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 17.

⁴ Na literatura de viagens sobre o Alentejo também se encontram referências a este modelo

Ao estudar aqueles autores, uma paisagem movente de rebanhos intermináveis foi-se desvelando, como num palimpsesto, sob a representação cristalizada, propagandeada, do *celeiro de Portugal*. Do fundo da História, emergia um território que apetece cunhar de ‘alentelanígero’ ou, talvez melhor, de A~lã~tejo. Outrora, durante o tempo looongo, anterior às ondulantes searas douradas da Campanha do Trigo, a paisagem transtagana foi sendo moldada por “uma maré oceânica e graciosa de ovelhas tosquiadas”⁵, imagem de vagas e vagar que desvio de José Luís Peixoto, cujo romance *Nenhum Olhar* me sugeriu uma outra forma de escutar as planícies alentejanas.

Simultaneamente, outras linhas de leitura, de natureza muito diversa e nem sempre intencional, se foram cruzando e enleando com aqueles primeiros fios-mestres da história e geografia do Alentejo. No âmbito do pensamento contemporâneo, a génese deste texto é devedora de leituras, incursões, no domínio da fenomenologia da percepção (Heidegger, Merleau-Ponty, Tuan), mas é especialmente influenciada pela antropologia ecológica de Tim Ingold, com os seus conceitos e metáforas de *linhas, malhas, emaranhados criativos, fluxos de materiais*. Este antropólogo, na sua ecologia material, propõe restaurar as coisas nos fluxos geradores do mundo dos materiais, no qual as suas propriedades passem a ser entendidas como relacionais e processuais, como *fios vitais* tendo uma história.

A inspiração para este trabalho de pesquisa resulta, ainda, das reflexões sobre o *vagar* alentejano que sustentam a candidatura de Évora a Capital Europeia da Cultura em 2027: “O *vagar* alentejano é a consciência plena de estar sempre em relação com tudo o que nos rodeia, a partir de um lugar de não dominância do humano”⁶. Por último, a ideia para o título deste texto decorreu de um desafio accidental que recebi para rever a redacção de um manual de boas práticas para criadores de ovinos da raça merino. No âmago da questão, havia o propósito de (re)valorizar a lã do Alentejo, suscitando, entre os produtores de borrego, maior cuidado e desvelo na hora de recolher o velo após a tosquia.

económico baseado na posse de grandes rebanhos. O botânico alemão Heinrich F. Link, a propósito das propriedades do conde de Óbidos situadas além do Tejo, regista em 1799: “As terras do conde são produtivas porque são de dimensão considerável, permitindo ao proprietário manter grandes rebanhos”, in *Eles Passaram Além do Tejo: As terras e gentes de entre o Tejo e Guadiana vistas por viajantes estrangeiros desde a Idade Média a finais do século XIX*. Trad., introd. e notas de Joaquim M. Palma. Lisboa: Documenta, 202.

⁵ Peixoto (2008). *Nenhum Olhar*, 14.

⁶ Cf. website da candidatura Évora____2027: <https://www.evora2027.com/>

Deste emaranhado de leituras académicas e ocasionais, bibliográficas e literárias – de Orlando Ribeiro a Urbano Tavares Rodrigues, de Ingold a Saramago –, mescladas com várias questões de investigação e inspirações oriundas do acontecer da vida pessoal, resultaram três meadas: um imperativo de escrita – este artigo; um título que salta “fora da cerca”; e uma intuitiva convicção de que, àquele Alentejo das searas douradas, falta ainda contrapor, talvez mesmo repor, esse Alentejo antigo (mas porventura futurível...) das paisagens da lã, do vagar e de pastores.

Situando esta investigação no âmbito das Humanidades Ambientais e da Ecocrítica, parti para esta pesquisa com algumas interrogações em pano de fundo: serão as paisagens literárias uma fonte adequada para nos devolver percepções e imagens da pastorícia que caracterizaram o Alentejo? Será a literatura uma forma viável, fiável, de valorizar uma materialidade – a lã –, uma matéria-prima secular e tradicional do Alentejo que hoje, para os criadores de borrego, quase nada vale, considerado como mero subproduto da carne de merino? Poderá este material orgânico, renovável e sustentável voltar a ser uma (imagem de) marca do A-lã-tejo? A cismar nestas questões, parti como pastor para a pesquisa, não em busca de pastos, mas de textos e de paisagens literárias que, situadas na geografia mediterrânica do Alentejo, nos reconduzam a um espaço de lã, de silêncio e campanilhos.

2. Paisagens da lã – a matéria

Desde tempos ancestrais, antes da romanização da Península Ibérica, as planícies alentejanas, cobertas de matos e matas mediterrânicas, foram atravessadas por numerosos rebanhos de ovelhas. Ao ler os geógrafos e historiadores, percebe-se a perenidade de um território que, durante séculos, foi sendo talhado pelo pastoreio, uma paisagem de lã em movimento, muito anterior – e também coeva – à paisagem do grão em latifúndio. Afirma Mattoso que o domínio romano, e depois o árabe, “tinham deixado no Alentejo áreas muito extensas virtualmente intocadas pela mão do homem. Nessas áreas, o agricultor dava lugar ao pastor na exploração do único recurso disponível – o bosque ou os matos. Aí, onde os grandes rebanhos coabitavam com o lobo e o javali, aí onde a seara era mais rara, encontravam-se os domínios menos cobiçados”⁷.

⁷ Mattoso, José; Daveau, Suzanne; Belo, Duarte (2010). *Portugal – O Sabor da Terra*. Lisboa: Temas e Debates, 606.

Efectivamente, antes e depois da romanização, antes e depois da ocupação muçulmana, e sobretudo durante os séculos de transumância da Idade Média, o gado lanar rumava e ruminava por matos e charnecas do Alentejo, em terras incultas, mas produtivas: lenha, leite e lã, entre outros.

Produzindo carne, leite (e seus derivados, como o almeice ou os queijos) e também lã, o gado ovino supria não só as necessidades proteicas de uma dieta mediterrânica frugal (de influência árabe, na qual o borrego tem um papel essencial, em substituição do porco) como também um vestuário orgânico perfeitamente adaptado ao clima⁸, numa economia local e circular. Lê-se em Orlando Ribeiro que, “no século XVI, porém, a Coroa resolve tomar debaixo da sua especial protecção os criadores de gado: a lã passa a ser o primeiro produto de exportação; chegaram a transumar quase três milhões e meio de ovelhas merinas; mas a agricultura, entravada pela ameaça periódica destes exércitos em marcha, confina-se à periferia dos povoados”⁹. É poderosa a imagem “destes exércitos em marcha”, nos seus merinos pezinhos de lã, moldando a paisagem à sua passagem! Também Albert Silbert¹⁰, ao desenhar a organização tripartida da paisagem alentejana até meados do século XIX, sublinhou a extensão e importância multissecular da charneca e dos incultos para a criação de ovinos e caprinos em toda esta região mediterrânica.

Com os grandes arroteamentos e extinção quase total da charneca, iniciada no final de Oitocentos, o número de cabradas diminuiu *pari passu* com a redução dos matos, ao passo que aumentou o número dos rebanhos de ovinos, que encontravam pasto em terras de pousio. As ovelhas produziam sobretudo lã, que, em tempos mais recuados, era a fonte de benefício mais notável e mais regular do Alentejo, sobretudo como produto do comércio local e regional; quando exportada, ultrapassava a economia nacional. Em 1945, escrevia Orlando Ribeiro: “No plaino do Alentejo e da Beira Baixa, apascentadas em

⁸ As ovelhas da raça merino, predominante no Alentejo, vivem em locais de grande variação térmica, pelo que estão adaptadas ao forte calor do Verão e aos invernos rigorosos. Esta propriedade passa para a lã e, conseqüentemente, o vestuário produzido com esta matéria-prima proporciona aquecimento no Inverno e ventilação no Verão. Por isso, a lã merino é hoje altamente valorizada no vestuário outdoor.

⁹ Ribeiro (1986). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, 18.

¹⁰ Silbert, Albert (1978). *Le Portugal méditerranéen à la fin de l'Ancien Régime, XVIIIe- Début du XIXe siècle. Contribution à l'histoire agraire comparée*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

pousios e restolhos, há mais ovelhas que gente.”¹¹ Hoje, no Alentejo, ainda habitam muito mais ovelhas do que gente¹²: são mais de um milhão os animais laníferos, sobretudo das raças autóctones, merino e campaniça. Hoje, quase só carne para borrego... Hoje, essas paisagens da lã estão a ficar por um fio...

Ao ler aqueles autores das Ciências Sociais, sobreveio então a questão de perceber se, na literatura portuguesa sobre o Alentejo, além das paisagens do pão, descobrimos as paisagens da lã. Qual argonauta Jasão em busca do Velo de Ouro nas margens do Mar Negro, assim parti eu numa viagem em busca do Velo de Lã nas terras do Campo Branco e mais aquém. Dessa viagem por paisagens literárias de autores portugueses dos séculos XIX a XXI resultaram alguns excertos, aqui tresmalhados das suas obras, cujos fios narrativos serão, porventura, entretecidos de novas e pessoais linhas de leitura.

Iniciemos esta rota pelo autor que é mais recente no fio do tempo. Dentro da sua lã, as ovelhas atravessam todo o romance *Nenhum Olhar*, de José Luís Peixoto. Guiadas pelo pastor José e sua cadela, as ovelhas vão tricotando a narrativa: todas as manhãs saem do redil, todas as tardinhas regressam ao monte, todas as manhãs vão, todas as tardes voltam. O espaço do romance é contextualizado pela paisagem rural alentejana, e a sucessão dos dias é pautada pelo soltar e fechar das ovelhas no redil. Ao longo da narrativa, o rebanho é uma omnipresença constante e movente, marcando o ritmo circadiano da vida do pastor – José pai e, depois, José filho. Este movimento de dobadoira, de lento vai e vem das ovelhas-na-sua-lã, de tempo que flui nos (re)fluxos do rebanho, sugere-me uma leitura da paisagem alentejana a partir do conceito de fluxos de *materiais* proposto por Ingold¹³, segundo o qual a matéria deve ser apreendida como matéria em contínuo movimento, em fluxo, em processo e variação. E esse fluxo de matéria só pode ser seguido. Vamos, pois, seguir a materialidade da lã no seu fluir de ovelha:

E José e a cadela, vagarosos, dirigiram-se às cancelas que fechavam o rebanho. Estavam todas as ovelhas deitadas debaixo do telhado. Estavam cerca de duzentas ovelhas deitadas debaixo dum telhado, nem abrigadas do vento, nem da chuva ou do sol; duzentas ovelhas debaixo de poucas filas de telhas velhas, segu-

¹¹ Ribeiro (1986). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, 90.

¹² Segundo dados estatísticos do INE (residentes) e da DGAV (efectivo ovino) para o ano de 2021.

¹³ Ingold, Tim (2010). *Bringing Things to Life: Creative Entanglements in a World of Materials*. NCRM Working Paper. Realities / Morgan Centre, University of Manchester.

ras por barrotos velhos, telhas suspensas no ar por troncos de pinheiro ensebados pelo roçar da lã e do cheiro entranhado a borrego. Nas manjedouras, havia ainda restos de braçadas de feno que o velho Gabriel trouxera na véspera. A cadela encostou-se à cancela que abria. José desfez a confusão de arames. A cadela entrou a correr e tocou as ovelhas para fora com latidos muito diferentes dos que ladrava quando era nova, com latidos monótonos que, mesmo assim, fizeram as ovelhas relampar-se e não caber a sua pressa no aperto da saída. Com o peso quase todo no cajado, José seguiu as ovelhas devagar. A cadela corria à volta do rebanho num trabalho sem fim, unificando-o e fazendo-o esperar pelo pastor. José era a sombra de um homem muito cansado e muito distante daquela paisagem ou muito próximo, dentro, da planície e do sol criança; era a sombra de um homem com um cajado na mão e; às costas, a pele preta de um borrego que criara e que, não por ser diferente dos outros, sempre recordava quando vestia a pele como um casaco. [...] ¹⁴.

Algumas ideias sobressaem deste excerto: o vagar do pastor (*vagarosos, devagar, esperar*); a grande dimensão do rebanho (*duzentas ovelhas; num trabalho sem fim*); a diversidade de fluxos atmosféricos que interagem com os animais (*vento, chuva, sol, ar*) e a profusão de materiais (*telhas, barrotos, troncos de pinheiro, lã, feno, arames*). Destes, interessa-nos aqui a materialidade da lã, mas na sua relação viva, quase de osmose, que estabelece com os troncos de pinheiro: “telhas suspensas no ar por troncos de pinheiro *ensebados* pelo roçar da lã e do cheiro *entranhado* a borrego”. Intui-se aqui um fio de táctil contiguidade que enleia, envolve e entranha os materiais uns nos outros: a vida vaza.

O carácter sinestésico deste emaranhado ¹⁵ de materiais é veiculado pela amálgama de sensações tácteis (*ensebado, roçar, lã*) e olfactivas (*cheiro entranhado*). É sugestiva esta descrição orgânica dos troncos de pinho ensebados ¹⁶, pela lã e pelo cheiro, imagem muito sintonizada com a ideia de coisa porosa e fluida e com as metáforas de vazamento de Ingold: “Os corpos dos organismos

¹⁴ Peixoto (2008). *Nenhum Olhar*, 91-92.

¹⁵ Cf. Ingold (2010). *Bringing Things to Life*, 3: “when I speak of the *entanglement* of things, I mean this literally and precisely: not a network of connections but a meshwork of interwoven lines of growth and movement.”

¹⁶ A propósito do termo “ensebados”, convém citar o que escreve José da Silva Picão (1983). *Através dos Campos: usos e costumes agrícola-alentejanos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 108: “tosquiadores, durante o serviço, todos se vestem de calças, blusas e sapatos ordinarríssimos, como os que menos se estragam por efeito da tosquia. O *suco* da lã suja emporca-lhes tanto a roupa, que o seu aspecto no *tendal* é repulsivo e nauseabundo.”

e mesmo de outras coisas vazam continuamente”¹⁷. O borrego derrama-se pelos troncos de pinho com os seus fluidos e filamentos.

Vazamento, emaranhado, tecelagem são algumas metáforas a que Ingold recorre para ilustrar a ecologia dos materiais num “mundo em transformação e em movimento, no entrelaçar de coisas que têm vida e de vidas que são coisificadas no processo contínuo de tecelagem no qual está circunscrito o próprio mundo”¹⁸. Usamos aqui o termo coisas no sentido que lhe é conferido por Ingold¹⁹: um emaranhado de fios vitais. Neste sentido, as ovelhas são “coisas que têm vida” e, um dia, depois de tosquiadas, os seus velos serão “vidas que são coisificadas no processo contínuo de tecelagem”²⁰. Ainda que Ingold utilize o conceito de tecelagem em sentido metafórico, podemos aqui tomá-la em sentido literal, já que, no contexto singular das paisagens ovinas, há um fio de vida, orgânico, contínuo, a entrelaçar o fluxo ovelha-lã-malha. É esse fio de vida que vamos seguir agora numa materialidade muito concreta: ovelha-lã-manta alentejana.

No Alto Alentejo de José Luís Peixoto, aquele roçar das ovelhas, esguedelhando o velo nas cascas-cardas dos troncos de pinho, remete-nos para outras paisagens lanígeras mais a sul, estas no Baixo Alentejo de Urbano Tavares Rodrigues: «Largávamos até ao Ardila. Os valados, por onde durante o dia se rescovavam as ovelhas, apurando a lã, que depois sairia mais fina, figuravam àquela hora vultos misteriosos e desconformes»²¹.

Uma leveza da lã emana do excerto. Aqui, o autor parece sugerir que são as próprias ovelhas que participam no processo de apuramento da fibra, rescovando-se pelos valados. Intui-se, pelas expressões *apurando a lã, sairia mais fina*, que a actividade de pastorícia aqui subjacente tinha também como final-

¹⁷ Ingold, Tim (2012). “Toward an Ecology of Materials”. *Annual Review of Anthropology* 41, n. 1 (September), 438. Tradução nossa. No original: “The bodies of organisms and indeed of other things leak continually.”

¹⁸ Cichowicz, Ana Paula Casagrande; Knabben, Rafael de Medeiros (2018). “Coisas, Fluxos e Malhas: Notas sobre a ecologia material de Tim Ingold”. *Antropológicas* 29, n. 1: 136-147.

¹⁹ Cf. Ingold (2010). *Bringing Things to Life*, 4: “the thing has the character not of an externally bounded entity, set over and against the world, but of a knot whose constituent threads, far from being contained within it, trail beyond, only to become caught with other threads in other knots. Or in a word, things leak, forever discharging through the surfaces that form temporarily around them.”

²⁰ Cichowicz e Knabben (2018). “Coisas, Fluxos e Malhas...”, 136.

²¹ Rodrigues, Urbano Tavares (1977). “Tornada de Primavera”. *Estórias Alentejanas*. Lisboa: Editorial Caminho, 35.

idade o aproveitamento desta matéria viva para a tecelagem. Pela geografia – junto ao Ardila – e pelos atributos de pureza e finura, seriam certamente ovelhas da raça merino, cuja fibra se caracteriza por ser a mais fina de todas. As paisagens da lã vão sofrendo as suas variações cíclicas ao longo do ano. Com a chegada do tempo quente na Primavera, é tempo de proceder à tosquia. Encontramos na *Musa Alentejana* do Conde de Monsaraz esta actividade associada ao tempo das abelhas, em consonância com o provérbio popular que diz “ano de abelhas, ano de ovelhas”:

*Voam abelhas, picando os ares,
Em torno ao freixo que as inebria:
Nos tendais leves, rectangulares,
Nédios carneiros, aos centenares,
São desnudados pela tosquia*²².

Além da ideia – reiterada por geógrafos e por escritores – da incontável dimensão dos rebanhos (*carneiros, aos centenares*), encontramos aqui uma referência etnográfica ao espaço próprio, *tendais leves*, onde se procede à tosquia das ovelhas. Também sobre o tendal, com mais algum pormenor, nos fala outro autor, Brito Camacho, recordando cenas rurais da sua infância num dos *Quadros do Alentejo*, intitulado “A tosquia”:

Mal vinha próxima a época da tosquia, aí por fins de Abril, entrava eu num desassossego enorme, aflito por saber o dia certo em que chegariam os tosquiadores. [...]
Era um espectáculo que me entretinha muito, e sobre todos os outros em que o gado entrava, tinha a vantagem de durar uns poucos de dias, mais ou menos conforme o número de tosquiadores, porque lá quanto ao número de cabeças ele pouco variava de ano para ano.
Na véspera, ao cair da tarde, fazia-se o tendal, com braçados de lenha, servindo de porta, em geral, umas cangalhas velhas, deitadas. O chão era muito bem varrido, depois de regado, para que a lã fosse, o menos possível, suja de terra.
No dia seguinte, muito cedo, mas já com o sol fora, vinha todo o rebanho ao monte, só ficando no tendal as cabeças que poderiam ser tosquiadas até à noite, fazendo-se o cálculo sobre a base de vinte cabeças por homem.
*[...] Este serviço, o da tosquia, era o serviço agrícola que se fazia com mais preceitos, uma verdadeira liturgia, rigorosa e complicada, de que pouco ou nada subsiste.*²³

²² Monsaraz, Conde de (1958). “As mondadeiras”. *Obras do Conde de Monsaraz III: Musa Alentejana, Lira de Outono, Versos Dispersos*. Lisboa: Editorial Império, 14.

²³ Camacho, Brito (1925). *Quadros Alentejanos*. Lisboa: Editora Guimarães e C.ª, 105-109.

“Aí por fins de Abril”, a tosquia era um acontecimento que marcava o calendário rural²⁴. Percebe-se, neste trecho, os cuidados para manter limpo o velo: “O chão era muito bem varrido, depois de regado, para que a lã fosse, o menos possível, suja de terra.” Este desvelo é sinal de que a matéria-prima se destinava a ser utilizada na tecelagem, seja no fabrico artesanal das mantas alentejanas, seja para encaminhar para a indústria têxtil, de samarras e capotes, por exemplo. Fosse para a produção caseira/local ou para exportação, depois da tosquia, o velo era guardado num espaço próprio do monte, como regista Silva Picão²⁵, para que a lã se mantivesse limpa e seca. Como “uma verdadeira liturgia” com os seus rituais, a tosquia exigia preceitos rigorosos. No romance *Levantado do Chão*, de Saramago, percebemos que esta tarefa de tosquiadores implicava um saber especializado:

*É Maio das flores, quem versos saiba fazer, experimente comer deles. Há umas ovelhas para tosquiar, quem sabe desta arte, Sei eu, sei eu, sabem poucos, e os outros vão continuar à boa vida, semanas de vida má, sai de casa, entra em casa, até que as searas estejam capazes de ceifar, aqui mais cedo, além mais tarde, agora vêm vocês, os outros esperam, está a cabra presa à estaca e não tem mais que comer.*²⁶

Tosquiadas as ovelhas, tornemos agora ao rebanho:

*Assobiou e a cadela levantou-se nova. Desatou o nó de arames que prendia a cancela e sentiu a cadela passar-lhe pelas pernas. Enquanto o sol ganhava força aos pés do céu, a cadela fez as ovelhas saírem numa corrente certa, e as primeiras, que sabiam o caminho, arrastavam uma capa cada vez maior de corpos esguios, na manhã, uma maré oceânica e graciosa de ovelhas tosquiadas.*²⁷

²⁴ Cf. Melo Breyner, Francisco M. de (Conde de Ficalho) (1979). *Notas Históricas acerca de Serpa e o elemento árabe na linguagem dos pastores alentejanos*. Lisboa: União Gráfica, 168: “Nas grandes lavouras alentejanas, a tosquia ainda é, e sobretudo foi, uma festa anual. Quando deve ter lugar, aí pelos fins de Abril ou princípios de Maio, todos os rebanhos recolhem à principal herdade do amo. Aí se reúne todo o gado de lã, todos os pastores, e a *quadrilha dos tosquiadores*. [...] A tosquia faz-se habitualmente ao ar livre, em um terreno junto do monte, bem batido e bem varrido, chamado *tendal*.”

²⁵ Cf. Picão (1983). *Através dos Campos*, 31-32: “Casa da lã ou laneiro – Serve para diversas aplicações, além daquela por que se menciona. De resto, a lã é a coisa que menos tempo a ocupa, por ser costume vender-se e exportar-se no Verão, logo depois da tosquia. Mas como em alguns anos se não vende de pronto e é forçoso conservá-la, destina-se-lhe uma casa para armazém.”

²⁶ Saramago, José (2002). *Levantado do Chão*. Lisboa: Caminho, 195.

²⁷ Peixoto (2008). *Nenhum Olhar*, 14.

Sobressai aqui uma cena caudalosa, de deslocação em massa, vertida em expressões fluentes como “corrente certa [...] capa cada vez maior de corpos esguios [...] uma maré oceânica”, reiterada pelo uso de verbos de movimento: levantou-se, passar-lhe, saírem, arrastavam. Podemos dizer que as paisagens da lã, muitas vezes caracterizadas pela ideia de sossego, associado às ovelhas no acarro, são igualmente marcadas pela imagem de uma líquida e grácil torrente: “maré oceânica e graciosa de ovelhas tosquiadas”. Nas deslocações dos rebanhos nos seus longos percursos, seguimos uma paisagem atravessada por linhas de movimento, que o escritor ora descreve como maré, ora como rio.

*Não me importa este momento agora, mas sei que é hora de voltar para casa. Diz-mo a cadela, olhando-me e cirandando impaciente à minha volta. Grito-lhe uma sílaba que, julgo, não saiu de mim. A cadela reúne o rebanho. Caminhamos para o monte. O rebanho é um rio custoso de correr, a tropeçar em todas as pedras, amortecido por uma corrente maior do que a sua. O campo é uma pessoa da minha família. Já conversámos muitas vezes. Ele disse-me coisas que nunca disse a ninguém. Ele protegeu-me e embalou-me e deu-me conforto. A tarde entra aos poucos dentro do campo. O sol cada vez mais fraco. Fecho os arames que fecham as ovelhas.*²⁸

Mais uma vez, sobressai a imagem do rebanho como algo que flui pela planície. Além da repetida aliteração da vibrante líquida /R/ (reúne o rebanho) para reproduzir o efeito sonoro de uma correnteza no seu fluir, o autor recorre a expressões que veiculam ideias rolantes: “o rebanho é um rio custoso de correr”, “corrente maior do que a sua”. Curiosamente, numa paisagem seca, quase sem água, são os rebanhos, ou a própria lã, que convocam a metáfora líquida. Mais subtil, intui-se ainda uma sugestão de aconchego, um-quase-roçar-de-lã que emana de palavras como *amortecido*, *protegeu-me*, *embalou-me*, *conforto*, como um acalento de lã.

Estamos perante uma paisagem permeada por sensações tácteis e fluxos vitais, onde pastor, cadela, rebanho e campo estão integrados nos ciclos e dinâmicas circadianas da vida: “A tarde entra aos poucos dentro do campo.” Diria Ingold que a tarde *vaza* para dentro do campo, uma vez que “o mundo do espaço aberto pode ser habitado precisamente porque, onde quer que a vida aconteça, a separação interfacial da terra e do céu dá lugar à mútua

²⁸ Ibidem, 96-97.

permeabilidade e enleio”²⁹. Aliás, subjaz a todo o excerto um forte pendur relacional: os elementos da paisagem comunicam entre si: “Diz-mo a cadela”; “Grito-lhe uma sílaba”; “Já conversámos muitas vezes. Ele disse-me coisas”. Pressente-se aqui uma comunicação interespecies subjacente à cooperação entre pastor e cadela que permite o controle preciso das ovelhas. E, seguindo por aqui, entraríamos aos poucos dentro da biossemiótica...

Mas, para não perder o fio à meada, voltemos ao propósito inicial de seguir o *fluxo dos materiais* no seu fluir de ovelha-lã-malha. Assim, as planícies do A~lã~tejo como que se ‘p-lanificam’ numa dimensão dupla: por um lado, numerosas vagas moventes de ovelhas-na-sua-lã e, por outro, os pelicos e as mantas alentejanas, agasalhos dos próprios pastores. Para ilustrar aquela primeira dimensão – uma paisagem trilhada por rebanhos enormes, por uma maré de lã acariciando a planície – vejamos outro excerto de Saramago:

*E, contudo, estamos numa terra em que não faltam pastores, uns que o foram no tempo da puerícia, outros que o continuaram a ser e agora não serão outra coisa até morrer. E são grandes estes rebanhos, um vimos nós que tinha seiscentas ovelhas, e também há as varas de porcos, mas este animal não é próprio para presépios, falta-lhe o airoso que o borrego tem, o felpudinho, a carícia da lã, meu amor, onde puseste o novelo, com animais assim podem compor-se venerações [...]*³⁰

Além da imensidão dos rebanhos (“E são grandes estes rebanhos, um vimos nós que tinha seiscentas ovelhas”), o trecho dá particular atenção aos atributos da ovelha como animal (e material) próprio para presépios, suscitando sensações de natureza tátil: *airosos, felpudinho, carícia da lã*, para, no fim, concluir que “com animais assim podem compor-se venerações”. A referência ao *novelo* serve-nos de bom pretexto para apanhar a malha da epígrafe e desenrolar agora o fio que liga a pastorícia à tecelagem: “as ovelhas tornaram-se figuras enroladas e redondas e imóveis de lã”³¹.

No Sul mediterrânico, pastoreio e tecelagem são práticas entrelaçadas de ligação à terra e muito continuadas no tempo. Escreve Orlando Ribeiro, referindo-se ao Alentejo: “Uma indústria caseira típica de toda a região é a tecelagem

²⁹ Ingold (2010). *Bringing Things to Life*, 6. Tradução nossa. No original: “the world of the open can be inhabited precisely because, wherever life is going on, the interfacial separation of earth and sky gives way to mutual permeability and binding.”

³⁰ Saramago (2002). *Levantado do Chão*, 294.

³¹ Peixoto (2008). *Nenhum Olhar*, 15.

de panos grosseiros, de mantas, tapetes e tapeçarias, em cujo emprego já se quis ver uma sobrevivência da vida nómada, debaixo de tenda”³². De facto, sabemos hoje pela arqueologia que a tecelagem e fiação da lã se praticam nesta região desde o Neolítico³³. Trata-se de uma actividade com grande perenidade no território. Na literatura portuguesa, encontramos, pelo menos desde Gil Vicente, alusões que permitem concluir sobre a produção de mantas de lã associada à prática da pastorícia. Na *Farsa do Juiz da Beira e no Auto da Lusitânia*³⁴ são mencionadas as mantas d’Alentejo pelo que, no Renascimento, eram um artigo já bem disseminado e com alguma tradição.

Sobre os ombros de pastores, as mantas são agasalhos de lã de fio grosso, lã que retorna ao campo depois de fiada, enovelada e entretecida nos teares. Mas, além desta matéria-viva que volta à paisagem como produto artesanal, como um emaranhado criativo de fios vitais, há ainda outras peças de lã que vestem o pastor e o lavrador do Alentejo: pelico e safões, de velo de ovelha; samarra e capote, de fio fino.

*E o homem, que é ainda a mesma terra, vestido da lã das suas ovelhas, só e recortado nos grandes horizontes, ou em bandos fortes e desgraçados, sob o sol mais escaldante de Portugal – lá iremos encontrá-lo nestes trechos de húmus e dor, de resignação e revolta, de serenidade e furor, de lentidão e generosidade do Alentejo.*³⁵

Esta imagem do homem alentejano “vestido da lã das suas ovelhas” evoca um comentário de Silva Picão, em 1903, estabelecendo uma correspondência entre o sobreiro e a ovelha: “Hoje, o sobreiro é um símbolo de produção. Está para com os arvoredos como a ovelha para com os gados. Uma e outra, despem-se para vestir o dono...”³⁶ Talvez pudéssemos levar mais longe no tempo (para o futuro sustentável) esta eco-analogia entre sobreiro e ovelha, esten-

³² Ribeiro (1986). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, 18.

³³ Sobre este assunto, vide Costeira, Catarina (2017). “Reflexão acerca dos cossoiros e da fiação nos contextos calcolíticos do sudoeste da Península Ibérica, partindo do sítio de São Pedro (Redondo)”. In J. M. Arnaud e A. Martins (Eds.), *Arqueologia em Portugal – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 671-686.

³⁴ Vicente, Gil (1983). *Copilaçam de Todalas Obras de Gil Vicente*, vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 476 e 559.

³⁵ Rodrigues, Urbano Tavares (1958). *O Alentejo: Alto e Baixo Alentejo*. Lisboa: Livraria Bertrand, 8.

³⁶ Picão (1983). *Através dos campos*, 59.

dendo-a às características que tornam singulares os dois materiais orgânicos, renováveis, naturais que deles generosamente vazam – a cortiça e a lã; em ambos, sobressaem a leveza, a resistência, a maleabilidade, a sustentabilidade. A vida...

Em *Portugal Pequeno*, de Raul Brandão e Maria Angelina, é notável esta ideia de ovelhas e pastores irmanados pelo trajar: “De quando em quando um homem com a manta às costas – ou, acompanhando o rebanho, um pegureiro de olhos tristes, quase tão animal como as ovelhas.”³⁷ E mais adiante: “Encontram a cada passo homens vestidos de peles e pastorzinhos que se não diferenciam das ovelhas.” Também em Manuel da Fonseca e Urbano Tavares Rodrigues encontramos amiúde alusão às mantas alentejanas e a samarras, e também às peças mais rudes do traje tradicional dos pastores, feitas com o próprio velo de ovelha: o pelico e os safões³⁸:

*Os quatro homens estavam em volta do fogo, de pelico às costas e um até embrulhado em manta, comendo pão com toucinho, queijo de ovelha e azeitonas.*³⁹
*Com um encolher de ombros, deu de rédeas à montada, buscando as passadeiras. Sempre lhe aconteciam coisas singulares! Voltou os safões sobre as coxas, para os não molhar, e tirou os pés dos estribos.*⁴⁰
*[...] os meus olhos seguem a mirada das águas do Guadiana. Ouço os campainhos dos rebanhos, ao recolher. Já são horas de vestir a minha samarra: a planura chama por mim; vai cair geada entre os cabeços, nas ondas do matagal cheiroso...*⁴¹

Emana destes trechos uma percepção muito táctil do território e uma íntima ligação da dieta (*queijo de ovelha*) e do vestuário (*pelico, manta, safões, samarra*) à paisagem da pastorícia. As paisagens da lã suscitam um emaranhado

³⁷ Angelina, Maria; Brandão, Raul (1985). *Portugal Pequeno*. Lisboa: Vega, 106 e 110.

³⁸ Cf. Picão (1983). *Através dos Campos*, 194: “Os safões constam de duas peles reunidas e preparadas de forma a adaptarem-se sobre a cintura e calças de qualquer sujeito. Seguram-se ao corpo por meio de correias, fivelas ou botões presos à cintura e às pernas, do lado de dentro. Uns compõem-se de peles de carneiro, de lã curta, branca ou preta, debruadas de ourelas; outros de peles curtidas, de cabra, chibato ou bezerro. Os safões lanzudos, especialmente os de cor preta, que são os mais usados, fabricam-se em diferentes terras do distrito de Évora por pessoas que vivem dessa indústria.”

³⁹ Rodrigues, Urbano Tavares (2005). “Recordação”. *Obras Completas*, vol. I. Lisboa: Dom Quixote, 157.

⁴⁰ Rodrigues (1977). “Jornada sem regresso”, 11.

⁴¹ Rodrigues (2005). “Poema do «monte» agoirado”. *Obras Completas*, 463.

de sensações: auditivas (*ouço os campanilhos*), olfactivas (*matagal cheiroso*), tácteis (*vai cair geada, ventania*).

Recordemos que no Alentejo existia uma forte tradição de trabalho artesanal da lã⁴², e ainda hoje se tece artesanalmente um património (i)material: os tapetes de Arraiolos, as mantas alentejanas de Mértola e as de Reguengos de Monsaraz. As mantas começaram por ser utilizadas pelos pastores para se protegerem do frio, mas estes usos tradicionais foram, entretanto, reinventados através de uma utilização artística desta matéria-prima da região. Acompanhar a materialidade da lã no seu devir – ovelha, velo, novelo, malha – é compreender também, na paisagem lanar do Alentejo, a continuidade e equilíbrio ecológico de um material cheio de porvir: biológico, renovável, circular, sustentável.

Vimos seguindo um fio de vida ovina, tresmalhando textos e tecendo ideias. Neste percurso, talvez os argumentos se tenham enleado, mas a linha de pensamento é esta: há uma paisagem da lã que se desenrola por ovelhas e velos, pelicos e pastores, mantas e samarras. E um vagar a entretecer tudo isto... Agora, é tempo de recolher o rebanho.

(...) depois dos primeiros sons da noite, José regressou com o rebanho. Ouviam-se as pernas curtas das ovelhas a tropeçarem nas pedras, ouviam-se os seus passos rápidos, como uma saca de batatas miúdas entornadas sobre o tampo de uma mesa. A noite era uma melancolia arrastada, era um véu de mármore negro a envolver os campos e dentro de José. Desembarçou os arames da cancela, esperou que as ovelhas entrassem. [...] na lonjura, ouviam-se as estrelas e a paz inatingível das cigarras. José contornou o curral. Chegou atrás das manjedouras e encostou o cajado, e pendurou o sacco que trazia ao ombro num prego, e despiu a pele preta de borrego, e a camisa.⁴³

3. Paisagens do vagar – o tempo

As paisagens do A~lã~tejo estão intimamente conotadas com a ideia de va-

⁴² Cf. Sequeira, Joana (2014). *O Pano da Terra*. Porto: Univ. Porto Press, 43-44: “A faixa interior do Alto e do Baixo Alentejo afirmou-se, ao longo da Idade Média, como um importante pólo produtor de tecidos de lã de qualidade média/baixa, capaz de criar marcas próprias, como a famosa *manta do Alentejo* ou a *manta de Évora*. São designações que surgem a partir do século XIV e se intensificam no século XV. [...] A designação do produto, ao comportar o nome do seu local de proveniência, evidencia as suas características específicas e reconhecíveis, diferenciando-o dos demais. As mantas alentejanas eram comercializadas em todo o reino e foram também amplamente exportadas para as feitorias do Norte de África.”

⁴³ Peixoto (2008). *Nenhum Olhar*, 155-156.

gar, entendido como modo de ser, enquanto mundivivência e mundividência, tal como o entende a candidatura de Évora a Capital Europeia da Cultura 2027. Percorrendo o texto da candidatura, vai-se compreendendo, desenovelando o fio filosófico do conceito:

(...) no Alentejo, ao longo de uma história feita de resiliência social, cultural e também económica, construímos um outro modo de viver e de estar, de ser, de olhar para nós e para o mundo. Chamamos-lhe vagar.

O vagar alentejano é a consciência plena de que nós, enquanto humanos, estamos sempre em relação com o universo (espaço, tempo e matéria). É o mote para nos desafiarmos como colectivo a pensar e a reposicionar a humanidade em relação a tudo o que a rodeia.⁴⁴

Vimos já como esta consciência de estar sempre em conexão com tudo o que nos envolve está muito presente nas percepções literárias que situam a narrativa no espaço físico e social do Sul. Como intuímos em excertos anteriores, José Luís Peixoto é um dos autores alentejanos que consegue urdir com maestria, e de modo muito pregnante, estas geografias da relação, latentes no conceito de *vagar*:

Conheço esta quietude. Conheço esta tarde. As ovelhas debaixo dos sobreiros, como mortas. A cadela deitada ao pé de mim. As ervas miúdas a vergarem-se numa aragem fraca. O céu de encontro à terra, a terra a reflectir o vagar do céu, o céu a reflectir o vagar da terra. Conheço esta tarde, porque a vivi muitas vezes, porque muitas vezes escutei esta quietude e esta certeza serena.⁴⁵

Na quietude da tarde, o pastor José tem “esta certeza serena” de estar em íntima relação com o universo: com as ovelhas, os sobreiros, a cadela, as ervas miúdas; com o céu e com a terra. Pressente-se um habitar por dentro da paisagem (“porque a vivi muitas vezes”), marcado pela escuta atenta (“muitas vezes escutei esta quietude”) e pelos ritmos biológicos, geológicos, circadianos, em ressonância uns com outros: “O céu de encontro à terra, a terra a reflectir o vagar do céu, o céu a reflectir o vagar da terra.” Dir-se-ia que o autor, ele

⁴⁴ <https://www.evora2027.com/sobre>. Sobre o conceito do vagar alentejano, veja-se o Bid Book de pré-selecção: https://www.evora2027.com/fileadmin/Evora_2027_v.3.0/bidbook/E27_Bid-book_PT_AF.pdf

⁴⁵ Peixoto (2008). *Nenhum Olhar*, 132.

próprio neto de um pastor, ilustra e materializa, na sua escrita, o pensamento de Ingold acerca da mútua permeabilidade entre céu e terra: “pois aquilo a que vagamente chamamos solo, não é, na verdade, uma superfície coerente, mas uma zona em que o ar e a humidade do céu se combinam com substâncias cuja fonte se encontra na terra na formação contínua das coisas vivas.”⁴⁶ Há uma porosidade nas coisas que só a morosidade do tempo permite perceber. O vagar é esse tempo poroso. Viver no vagar é o modo que permite a sintonia e a osmose com o mundo.

Indissociável da paisagem alentejana, esta ideia é muitas vezes vestida por outras palavras: quietude, serenidade, tranquilidade, lentidão, calma. Vimos acima um texto de Urbano Tavares Rodrigues onde se lia: “lá iremos encontrá-lo nestes trechos de húmus e dor, de resignação e revolta, de serenidade e furor, de lentidão e generosidade do Alentejo.”⁴⁷ Esta lentidão não é indolência, mas uma vivência mais lenta e prolongada do tempo, vivendo em modo gerúndio: é abrandamento, pausa e duração para escutar o processo. É, no fundo, um olhar (a)moroso sobre a vida que nos circunda, como neste trecho de Luísa Dacosta:

*A ponte Vasco da Gama ficou lá longe. Continuamos a correr quilómetros. Setúbal, Vendas Novas, Montemor-o-Novo, Évora, Portel, Beja. Adentramo-nos, cada vez mais, na planície alentejana. Passam árvores: sobreiros, oliveiras. O branco da esteva bordeja a estrada. Rebanhos preguiçosos descansam entre o verde, festivo, com panais de quaresma roxa de soajo e o esplendor-ouro do pampilho, como preciosos paramentos de altar. Uma ondulação mansa, de mar calmo, vai até à linha do horizonte, que as cegonhas vigiam do mastro, alto, dos ninhos.*⁴⁸

Neste excerto, é evidente um contraste entre ritmos de vida, entre a velocidade e aceleração da pressa urbana (“Continuamos a correr quilómetros”) e o vagar da paisagem da planície (“Rebanhos preguiçosos descansam”, “ondulação mansa, de mar calmo”). A velocidade torna-se mais lenta ao adentrar a planície; a ponte, os quilómetros e a corrente de cidades dão lugar a um

⁴⁶ Ingold (2010). *Bringing Things to Life*, 6. Tradução nossa. No original: “For what we vaguely call the ground is not, in truth, a coherent surface at all but a zone in which the air and moisture of the sky combine with substances whose source lies in the earth in the ongoing formation of living things.”

⁴⁷ Rodrigues (1958). *O Alentejo: Alto e Baixo Alentejo*, 8.

⁴⁸ Dacosta, Luísa (2008). *Um Olhar Naufragado – Diário II*. Porto: ASA, 220.

território marcado pelo domínio da natureza, pela sazonalidade, pela fauna e flora: sobreiros e oliveiras, esteva, rebanhos entre o verde, soajo e pampilho, cegonhas e ninhos. Adentra-se um tempo longo, uma temporalidade inclusiva, porosa, imersiva, que tem aromas e matizes (*o verde, festivo; o branco da esteva; quaresma roxa de soajo; esplendor-ouro do pampilho*). A marca do tempo circular, da sazonalidade, é dada aqui pela floração da esteva, do soajo e do pampilho, mas também pela sua associação a um tempo litúrgico. Emana da paisagem uma sacralidade da natureza, uma espiritualidade sugerida por termos como *panais de quaresma; paramentos de altar*. O vagar abre espaço para a mística do instante, usando aqui a expressão feliz de Tolentino Mendonça ⁴⁹.

Tem-se a sensação de que, ao adentrar uma paisagem dos rebanhos, é o próprio tempo que desacelera, que abranda, há uma temporalidade diferente, como nesta outra passagem de *Levantado do Chão*:

(...) tornemos à história, às seiscentas ovelhas que retouçando vêm, amparadas por maioral, ajudas e cães, e nós que somos da cidade a esta sombra nos acolhemos, admirável é ver o gado derramar-se pela encosta, ou chão plano, que serenidade, longe das malsãs agitações urbanas, do tumultuar infrene das metrópoles (...) ⁵⁰.

Esta serenidade que se derrama, este vagar que vaza da paisagem é o antídoto do tumulto, da velocidade, da voragem da vida contemporânea. Vivemos hoje em crescente sobre-aquecimento, em modo de *overheating*⁵¹ nas áreas da energia, mobilidade, vida urbana, resíduos e desperdício, sobrecarga de informação. Por isso, faz todo o sentido, como propõe a candidatura Évora 2027, recuperar o sentido do *vagar* como modo de vida mais pausado, como novo paradigma de relação atenta com tudo o que nos rodeia, “porque, apesar de ancestral, o vagar é hoje talvez mais contemporâneo do que nunca, e, acreditamos, fundamental para enfrentarmos colectivamente, os enormes desafios sociais, climáticos e económicos que enfrentamos”⁵². O vagar que o Alentejo nos ensina é quase uma ética da contenção (e co-atenção), ética que refreia o tempo e resfria o *overheating*. Este novo andamento atento pode traduzir-se numa

⁴⁹ *A Mística do Instante: O tempo e a promessa* (2014). Prior Velho: Paulinas.

⁵⁰ Saramago (2002). *Levantado do Chão*, 275.

⁵¹ Cf. Eriksen, Thomas (2016). *Overheating: An Anthropology of Accelerated Change*. London: Pluto Press.

⁵² <https://www.evora2027.com/sobre>

atitude, no gesto de vigiar a linha do horizonte. A ideia de um vagar-vigiar está também presente no trecho seguinte:

*O mundo parou-se num quadro onde só posso continuar, onde o cajado só pode ficar, onde só posso continuar a esculpir uma forma neste pedaço de ramo com a navalha, onde o cajado só pode ficar a vigiar a planície como um ancião solene*⁵³.

O vagar possibilita um deixar-se-ficar-a-vigiar, aqui entendido com o sentido de observar atentamente; cuidar com atenção; velar; manter-se alerta ao contínuo vibrar das coisas. A planície é uma coisa, no sentido que Ingold recupera de Heidegger: “A coisa, pelo contrário, é um ‘acontecer’, ou melhor, um lugar onde se entrelaçam vários aconteceres. Observar uma coisa não é ser fechado à chave, mas ser convidado a participar no encontro.”⁵⁴ Assim, vigiar a planície não é ser trancado do lado de fora das coisas, mas ser um guardião da paisagem, convidado para o reverberar do mundo, para a reunião de vidas *acontecendo*, vidas sempre em processo de vir-a-ser, onde as coisas estão continuamente nascendo e tornando-se (outras) coisas⁵⁵.

Pautando-se pelos ciclos circadianos da natureza, também o vagar alentejano se subtrai ao fluxo do tempo linear. Não é, por isso, uma lentidão; é um movimento de calar para escutar a voz da terra e acertar compasso com o universo. É um vagar, um ritmo próprio da vida, imposto também pelo clima⁵⁶. Este convite para a relação, a reunião, a osmose com o que nos rodeia, esta consciência relacional com o ecossistema que habitamos, está bem traduzida neste apelo, quase telúrico, que invade, que extravasa sobre o pastor de *Nenhum Olhar*:

⁵³ Peixoto (2008). *Nenhum Olhar*, 14.

⁵⁴ Ingold (2010). *Bringing Thinks to Life*, 3. Tradução nossa. No original: “The thing, by contrast, is a ‘going on’, or better, a place where several goings on become entwined. To observe a thing is not to be locked out but to be invited into the gathering.”

⁵⁵ O fio desta ideia enleia-se-me agora na teia de Penélope – enquanto metáfora de coisas que estão continuamente sendo feitas e nunca se acabam de fazer, e como símbolo de uma espera que se entretete de vagar e contenção, e assim se subtrai à voragem do tempo.

⁵⁶ Há, neste vagar, conotações indissociáveis do calor – ou melhor, *a calma*, como dizem os alentejanos, enleando *calor* e *vagar* na semântica do linguajar transtagano. Veja-se o cancioneiro alentejano, onde surge, nos cantes e modas, a expressão “à calma”. Também em Fialho de Almeida, *O País das Uvas*, e nas *Estórias Alentejanas* de Urbano Tavares Rodrigues ocorre com frequência o termo calma com esta dupla conotação.

*Quando as ovelhas, acabadas de chegar, ávidas, rasgaram o pasto com os dentes e o ar se encheu do som de restolho a ser revolido e rasgado, sentei-me debaixo do sobreiro grande. Estendi as pernas e a cadela olhou-me com um ar pesaroso. Um olhar melancólico que não durou mais do que o momento de um instante, um olhar que me disse tudo termina. Um olhar que me disse irás para o monte, como regressamos todos os dias, mas a noite parecerá mais lenta; olharás sobre o ombro as últimas voltas dos tordos no céu e desejarás nesse instante ser um tordo; sentirás as botas mais pesadas e a terra mais pesada a puxar-te para não ir. Um olhar que me disse quando chegar a hora de seguirmos as ovelhas até ao monte, não quererás levantar-te do sobreiro grande, quererás encolher os braços e as pernas e fingires que não existes e que a terra te engoliu e que já nada é responsabilidade tua. Um olhar que me disse custar-te-á atravessar a ombreira da porta de casa, olharás a noite recente a convidar-te a ser negro, a misturares-te nela e a seres talvez uma estrela.*⁵⁷

Corporeidade, ressonância, espessura. Emergem neste trecho fenomenologias do corpo e da percepção, e cadências do vagar. A indicação do tempo não é dada por relógio ou coordenadas humanas, mas pelos seres e aconteceres da vida em volta (“Quando [...] o ar se encheu do som do restolho; quando chegar a hora de seguirmos as ovelhas”). *Seguir* – a escolha semântica do verbo marca a harmonia do alinhamento com a natureza, a partir de uma atitude de não-dominância do pastor. A dimensão relacional, fusional, com outros seres não-humanos subjaz a expressões como “Um olhar que me disse irás para o monte, como regressamos todos os dias, desejarás nesse instante ser um tordo”; “a noite recente a convidar-te a ser negro, a misturares-te nela”.

José vive tão por dentro da paisagem, tão em sintonia com tudo o que o envolve, que o *sobreiro grande* não é uma árvore qualquer, mas sim um nome e um lugar; a *cadela* não é um mero animal, mas a companheira de vida que o olha, que lhe fala e lhe diz que ambos são um *nós*; os *tordos* não são apenas pássaros, mas o desejo de ser um-tordo-no-ar; a *noite* não é uma distância, mas o convite a ser negro e ser estrela. Algo intangível, neste excerto de noite e cosmos, faz ecoar a candidatura de Évora 2027: “É preciso um espaço e um tempo que conhecemos bem para desenhar uma nova relação entre a humanidade e o universo, dentro de nós e para além de nós.”⁵⁸ Uma nova relação da humanidade, com um sentido de pertença à terra e ao universo, ressoa de um trecho de Nenhum Olhar já citado: “José [...] muito distante daquela paisagem

⁵⁷ Peixoto (2008). *Nenhum Olhar*, 63.

⁵⁸ <https://www.evora2027.com/sobre>

ou muito próximo, dentro, da planície e do sol criança.” O vagar adentra-nos, para dentro de nós e para além de nós.

Aproveitemos o sol criança para contemplar agora como o vagar faz vaguear todos os sentidos, numa passagem de Urbano Tavares Rodrigues acerca do tempo de descanso que a cidadina Teresa encontra na paisagem do Monte das Rosas:

Reaprendia o gozo desinteressado das formas, das cores e dos sons. Viver era ali admirar-se de tudo, calmamente, recolhidamente, cheirar a erva do campo, morder os lírios e os cravos, fitar as ninfeias do marnel até ao êxtase, observar as vacas morosas de olhos ternos, os ágeis cães de volta, as ovelhas tosquiadas no pascigo, comungar os olhos piedosos com os crepúsculos vernais – pétalas de lilás e de oiro e laivos de seda cor de mosto.⁵⁹

Neste trecho, em que a focalização do olhar pertence não a um pastor, mas a uma rapariga urbana, percebemos como o novo ritmo se associa a uma consciência apurada das sensações corpóreas e a um modo de estar contemplativo, aqui bem traduzido pela escolha lexical: *Reaprendia o gozo, admirar-se de tudo, cheirar, morder, fitar, observar, comungar*. Dir-se-ia que todo o sistema perceptivo se desbloqueia. Os sentidos do corpo tornam-se grandes entradas e saídas de comunicação e comunhão com a natureza. Há nas paisagens do vagar uma dilatação temporal, uma temporalidade inclusiva que permite um encontro da nossa história com outros sistemas naturais. Possibilita a percepção do tempo cíclico da natureza (*crepúsculos vernais*) e a sinestesia das sensações (*pétalas de lilás e de oiro; laivos de seda cor de mosto*). Predomina a escuta, a serenidade, a fruição gozosa dos outros sentidos além da visão.

A cadela de José estava deitada com o pescoço erguido, numa pose nobre, com as orelhas estendidas, com uma expressão serena, com os olhos fechados, como se sentisse a suavidade da brisa. E sentia a suavidade da brisa: uma parede frágil, um véu muito fino que passava imperceptível, a memória de um vidro a atravessar lento a planície. À sombra, adormecidas, as ovelhas roíam as ervas secas na maneira diferente que as ovelhas têm para mastigar: movendo os maxilares na horizontal, desencontrados, de um lado para o outro. Erguido, José tinha o cajado fincado no peito e cismava.⁶⁰

⁵⁹ Rodrigues (1977). “O «monte» das rosas”. Estórias Alentejanas, 164.

⁶⁰ Peixoto (2008). *Nenhum Olhar*, 119.

Aqui, a atitude contemplativa é projectada na cadela: *orelhas estendidas*, com uma *expressão serena, com os olhos fechados*. As sensações tácteis predominam: *suavidade da brisa, parede frágil, véu muito fino, vidro a atravessar lento*. O vagar abre um tempo de porosidade, permitindo que sensações e fluxos de vida se infiltrem num corpo-esponja, abrindo possibilidade para um sentido da espera e uma fenomenologia do imperceptível.

4. Paisagens de pastores – a humanidade

Espaço, tempo, matéria – são dimensões que se dilatam na percepção do modo de viver o Alentejo. O espaço e o tempo distendido, a quietação dilatada do silêncio e da vida pastoril são propícias a cismar, no seu sentido de meditar, pensar muito, devanear...

*De cajado fincado no peito, diante das ovelhas, cismava em coisas como estas. E a tarde era propícia a cismar. A hora do calor diluía-se numa lentidão indistinta aos olhos dos homens. As planícies estendiam-se mais infinitas.*⁶¹

A quietação da paisagem desagua na inquietação sobre o mundo, o vagar vaza na reflexão, o tempo distende-se na meditação. Símbolo maior da incarnação do vagar, como tempo e modo de vida, é o pastor alentejano. Nos textos já citados, percebemos como as paisagens da lã surgem, na literatura, associadas ao tempo longo, ao viver sóbrio e pausado, ao silêncio e solidão que abrem o Homem à escuta, à comunhão entranhada com o que o rodeia – das estevas do chão às estrelas do universo.

*(...) pastores que andam a sós pelos estevais e pelos matos altos – filhos do sol e da largueza, condenados a ser pobres e a não baixar a testa, e quase todos sabendo o mundo, nostalgicamente, sem mais letras que as da alma...*⁶²

Os pastores alentejanos são filhos do espaço e da largueza, do sol e da natureza. Filhos, também, da pobreza, como em Manuel da Fonseca e Urbano Tavares Rodrigues.

Todo curvado debaixo do alforge, João Carrusca abana sobre as pernas mal se-

⁶¹ Peixoto (2008). *Nenhum Olhar*, 120.

⁶² Rodrigues (1977). “Tornada de Primavera”. *Estórias Alentejanas*, 31.

*guras, como se a ventania o fosse derrubar de um momento para o outro. Cai-lhe dos ombros o pelico surrado, e o tarro, preso a uma correia passada em volta do pescoço, oscila-lhe à altura do peito, semelhando um enorme badalo.*⁶³

*Pelo meio de um montado de sobro, que o dilúvio da luz atravessa, vai pastando um rebanho, dirigido mansamente pelos seus cães de volta. Tudo ali está encantado. Sai agora do meio das ovelhas um vulto carregado de pobreza, o pelico, que já foi branco, a descer-lhe, digno, pelas costas, bragas muito ruças, botas esburacadas, todo ele cheirando a carneiro. É muito velho esse pastor, o rosto bem curtido pela estiagem, um mapa de rugas sofridas, desde a testa à comissura dos lábios que o tempo sorveu. Mas conserva um fogo de presságio nas pupilas negras, chama que nem fomes nem maleitas, nem os atropelos da vida puderam extinguir.*⁶⁴

Nas grandes folhas de restolho, nos pousios abertos, nas charnecas ou incultos e até nos montados, viam-se no passado enormes rebanhos de ovelhas pastando, seguidos pelo pastor que os guiava, vestido com o pelico e os safões de pele de ovelha, com o seu cajado e o tarro de cortiça para levar o farnel. Tudo isto compõe a cultura material da pastorícia na literatura. Revestido de lã e apetrechado de madeira e cortiça, o pastor é um *continuum* da natureza, vive alinhado, sintonizado, com os ritmos e as materialidades da terra. Como escreve Orlando Ribeiro, o pastoreio, “um modo de vida moldado com a terra, ajustado ao clima, entranhado nos hábitos e tendências de uma parte da população, renasce nos períodos de crise para se apagar nos de prosperidade”⁶⁵.

A figura do pastor alentejano é frequentemente conotada com a miséria (*um vulto carregado de pobreza, condenados a ser pobres, fomes*), mas também acontece, um tanto paradoxalmente, que o seu modo de vida propício à contemplação da natureza – traduzido por expressões como *vigiar a planície, cismar, sabendo o mundo* – seja, por vezes, associada a um *luxo*:

Certo dia, arrebitou as orelhas e pensou num luxo: meter-se em pastor. E, se bem o disse, logo o fez. Adaptou-se facilmente ao ofício e a reflectir mais direito. Contemplativo da Natureza, vingava.

Quando chovia, acoitava-se debaixo das pernadas das azinheiras, observando as pingas de chuva a empapar as terras e a ribeira a subir, escura dos barros por onde andava, a papar caminhos, invadindo campos e tapando, em certos perio-

⁶³ Fonseca, Manuel da (2001). *Seara de Vento*. Lisboa: Caminho, 27.

⁶⁴ Rodrigues, Urbano Tavares (1998). *Os Campos da Promessa*. Évora: ATAEGINA, 23.

⁶⁵ Ribeiro (1986). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, 19.

dos do ano, a própria azenha do Félix. Nesse entretentes, punha-se Gaimirra num alado pasmo, mexendo de vez em vez os lábios, como se rezasse a um santo desconhecido a engrenagem da sua vida...

(...) Olhava as terras com desvelada atenção, desde os píncaros do zénite aos recônditos das belgas onde as lousas do cemitério de Orada punham vagalumes de ouro branco no espaço sidério e que, de tão sidério, dir-se-ia parado, absolutamente extático, tão puro e lavado do oxigénio da planície⁶⁶.

Neste trecho de Antunes da Silva, sobressaem expressões que remetem, de forma positiva, para essa mundivivência contemplativa: *reflectir mais direito, contemplativo da Natureza, alado pasmo, desvelada atenção*. O pasmo, tantas vezes entendido de forma pejorativa, tem aqui um sentido de espanto, de deslumbramento, daquele inato *sense of wonder* de que nos fala Rachel Carson sobre o maravilhamento pueril ante os fenómenos e epifanias da natureza. No último parágrafo do excerto, intui-se no sentir do zagal que tudo é experiência de cosmos. Há uma não-alteridade em relação ao mundo. Quando o ser humano consegue estar em comunhão com a profundidade de si mesmo, entra em sintonia e profundidade com todas as coisas. Este modo de vida alinhado com a terra, os elementos, a vida ao ar livre, permite a Gaimirra redescobrir a sacralidade da natureza, ter um vislumbre do infinito no finito – “vagalumes de ouro branco no espaço sidério”.

Vimos já diversos textos em que parece emergir do olhar, do sentir do pastor, uma consciência (de pertença) cósmica. Esta cosmovisão é evidente na desvelada atenção com que Gaimirra contempla “desde os píncaros do zénite aos recônditos das belgas”, mas a música das esferas está também presente no pastor de *Nenhum Olhar*, em trechos citados anteriormente: “na lonjura, ouviam-se as estrelas e a paz inatingível das cigarras”, ou o convite a tornar-se pó de estrela: “olharás a noite recente a convidar-te a ser negro, a misturares te nela e a seres talvez uma estrela.”

No âmago da paisagem – não como espectador, mas como humanidade-em-relação – o pastor alentejano sabe, intuitivamente, que a natureza tem os seus ritmos lentos e que, quando o ser humano alinha os seus compassos com os da natureza, o coração e a mente acalmam-se, sintonizados com a respiração e vibração do mundo. Há uma reverência diante da vida. O pastor alentejano encarna o destino ontológico da humanidade: tornar se pastor e guardião da terra.

⁶⁶ Silva, Armando Antunes da (1983). *Gaimirra*. Lisboa: Livros Horizonte, 35.

5. A sustentável leveza do ser...

Desde sempre, as paisagens mediterrânicas (como todas as outras) vão-se tecendo de um entrançado de fios – espaço, tempo, matéria, humanidade. Nesta tessitura de relações, cada um destes fios vai tendo um peso maior... ou uma maior leveza; às vezes o tempo decompõe a matéria, outras vezes é a matéria que preserva o tempo; umas vezes a humanidade transforma o espaço, outra vezes o húmus molda o humano. A paisagem – a da lã como a do aço – é um emaranho de fios, é um sistema relacional, é um *habitat* e um habitar-o-mundo.

Sendo a paisagem compreendida como uma forma de habitar o mundo que possui temporalidade, um lugar deve o seu carácter às experiências que proporciona a quem nele passa tempo, às vistas, sons, sabores, cheiros que constituem a sua ambiência específica. E estes, por sua vez, dependem dos tipos de actividades em que os seus habitantes se envolvem. Por isso, como afirma Ingold, “é deste contexto relacional de envolvimento das pessoas, no ofício do habitar, que cada lugar retira o seu significado único. Assim, ao passo que, com o espaço, os significados são *atribuídos* ao mundo, com a paisagem, os significados são *congregados* a partir dela.”⁶⁷

Uma leitura muito pessoal dos textos citados, e dos sentidos colhidos da paisagem A~lã~tejo, evocou-me a ideia de uma ‘sustentável leveza do ser’: a leveza da lã, material sustentável; a leveza do vagar alentejano, em resposta à insustentabilidade deste mundo de imediatez e *overheating*; a leveza do ser, um Ser ontologicamente contemplativo, qual zagal Gaimirra de *alado pasmo*, ou aquele *pasmo essencial* do pastor Caeiro:

*Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...*⁶⁸

⁶⁷ Ingold, Tim (2000). “The Temporality of the Landscape”. *The Perception of the Environment*. London: Routledge, 192. Tradução nossa. No original: “it is from this relational context of people’s engagement with the world, in the business of dwelling, that each place draws its unique significance. Thus, whereas with space, meanings are *attached* to the world, with the landscape they are *gathered from it*.”

⁶⁸ Pessoa, Fernando (1983). “O Guardador de Rebanhos”, Poemas de Alberto Caeiro. Lisboa: Ática, 24.

Neste tempo acelerado em que vivemos, torna-se premente estudar a antropologia dos pequenos lugares e a singularidade de paradigmas alternativos, como alerta Eriksen: “a antropologia dos pequenos lugares e das grandes questões deve encarar as mudanças radicais que o planeta enfrenta, permanecendo, contudo, e como sempre, sensível aos mundos-vida locais e consciente do facto de que, apesar da globalização acelerada, os lugares permanecem singulares e devem, por isso, ser estudados etnograficamente.”⁶⁹

Ora, o Alentejo é um desses “pequenos lugares” que permanecem singulares, com modos de vida que vão desaparecendo, como as paisagens da lã. Mas “a criatividade do povo alentejano, o seu modo de ser e de viver podem contribuir para encontrar soluções sustentáveis, inclusivas e belas para os principais desafios que enfrentamos enquanto europeus.”⁷⁰ Este modo de ser/viver, espelhado nas paisagens da literatura, induz grandes questões antropológicas e contemporâneas, suscitando o repensar de paradigmas para a humanidade. Paralelamente, a iniciativa Novo Bahaus Europeu visa a criação de espaços que aliem simultaneamente beleza, sustentabilidade e inclusão. Ora, nestas paisagens transtaganas, apre(e)ndemos o vagar alentejano como uma resposta para o futuro.

Este longo percurso pelas paisagens da lã, do vagar e de pastores revelou que, nas paisagens literárias sobre o Alentejo, podemos encontrar muito do que a Europa procura: restabelecer a ligação humana com a natureza; recuperar um sentimento de pertença; dar prioridade aos lugares e às pessoas mais necessitadas; promover uma reflexão de longo prazo centrada nos ciclos de vida. Para este intento, a humanidade e o mundo precisam de um novo alento, leve e lento.

Alentejo, A~lã~tejo: um alento de lã...

⁶⁹ Eriksen, Thomas (2016). «Sobreaquecimento: pequenos lugares e grandes questões na antropologia do século XXI», *Etnográfica* [Online], vol. 20, n. 1.

⁷⁰ <https://www.evora2027.com/sobre>

Referências bibliográficas

- ANGELINA, Maria; BRANDÃO, Raul (1985). *Portugal Pequeninno*. Lisboa: Vega.
- BREYNER, Francisco M. de Melo [Conde de Ficalho] (1979). *Notas Históricas acerca de Serpa e o elemento árabe na linguagem dos pastores alentejanos*. Lisboa: União Gráfica.
- CAMACHO, Brito (1925). *Quadros Alentejanos*. Lisboa: Editora Guimarães e C.^a.
- CICHOWICZ, Ana Paula Casagrande, e Rafael de Medeiros Knabben (2018). “Coisas, Fluxos e Malhas: Notas sobre a ecologia material de Tim Ingold”, *Anthropológicas* 29, n. 1: 136-147.
- COSTEIRA, Catarina (2017). “Reflexão acerca dos cossoiros e da fiação nos contextos calcolíticos do sudoeste da Península Ibérica, partindo do sítio de São Pedro (Redondo)”. In J. M. Arnaud e A. Martins (Eds.), *Arqueologia em Portugal – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 671-686.
- DACOSTA, Luísa (2008). *Um Olhar Naufragado – Diário II*, Porto: ASA.
- ERIKSEN, Thomas Hylland (2016). *Overheating: An Anthropology of Accelerated Change*. London: Pluto Press.
- FONSECA, Manuel da (2001). *Seara de Vento*. Lisboa: Editorial Caminho.
- INGOLD, Tim (2012). “Toward an Ecology of Materials”, *Annual Review of Anthropology* 41, n. 1 (September): 427-442.
- _____ (2010). *Bringing Things Back to Life: Creative Entanglements in a World of Materials*. NCRM Working Paper. Realities / Morgan Centre: University of Manchester.
- _____ (2000). “The temporality of the landscape”, *The Perception of the Environment*. London: Routledge.
- LINK, Heinrich Friedrich (2019). In *Eles Passaram Além do Tejo: As terras e gentes de entre o Tejo e Guadiana vistas por viajantes estrangeiros desde a Idade Média a finais do século XIX*. Trad., introd. e notas de Joaquim M. Palma. Lisboa: Documenta, 173-204.
- MATTOSO, José; DAVEAU, Suzanne; BELO, Duarte (2010). *Portugal – O Sabor da Terra*. Lisboa: Temas e Debates.
- MENDONÇA, José Tolentino (2014). *A Mística do Instante: O tempo e a promessa*. Prior Velho: Paulinas.
- MONSARAZ, CONDE DE [António de Macedo Papança] (1958). *Obras do Conde de Monsaraz III: Musa Alentejana, Lira de Outono, Versos Dispersos*. Lisboa: Editorial Império.
- PEIXOTO, José Luís (2008). *Nenhum Olhar*. Lisboa: Bertrand Editora.
- PESSOA, Fernando (1993). *Poemas de Alberto Caeiro*. Lisboa, Ática.
- PICÃO, José da Silva (1983). *Através do Campos: usos e costumes agrícola-alentejanos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- RIBEIRO, Orlando (1986). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- RODRIGUES, Urbano Tavares (2005), *Obras Completas*, vol. I. Lisboa: Dom Quixote.
- _____ (1998). *Os Campos da Promessa*, Évora, ATAEGINA.
- _____ (1977). *Estórias Alentejanas*. Lisboa: Editorial Caminho.
- _____ (1958). *O Alentejo: Alto e Baixo Alentejo*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- SARAMAGO, José (2002). *Levantado do Chão*. Lisboa: Editorial Caminho.
- SEQUEIRA, Joana (2014). *O Pano da Terra. Produção têxtil em Portugal nos finais da Idade Média*. Porto: U. Porto Press.

SILBERT, Albert (1978). *Le Portugal méditerranéen à la fin de l'Ancien Régime, XVIII e-Début du XIXe siècle*. Contribution à l'histoire agraire comparée. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

SILVA, Armando Antunes da (1983). *Gaimirra*. Lisboa, Livros Horizonte.

VICENTE, Gil (1983). *Copilaçam de Todalas Obras de Gil Vicente*, vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.